

**A OPERACIONALIZAÇÃO DO CONCEITO FORMAÇÃO
ECONÔMICA-SOCIAL: O NEXO ENTRE O MARXISMO E A
GEOGRAFIA DE MILTON SANTOS**

Guilherme Magon Whitacker¹

ORCID: 0000-0002-4001-7419

Pós-Doutorando / Bolsista FAPESP – Processo nº 2017/08847-3
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe
E-mail: gwhitacker@gmail.com

Resumo

A categoria analítica formação socioespacial foi formulada por Milton Santos na década de 1970 e assimila o debate em torno da matriz teórica marxiana formação econômica-social integrando a dimensão espacial com ênfase nas características de concreticidade e totalidade. O propósito desse ensaio é proceder uma revisão bibliográfica da categoria formação socioespacial abordando sua gênese em Karl Marx, os conceitos associados, os precursores na Geografia brasileira e as controvérsias em torno da mesma. A categoria proposta por Milton Santos pode ser considerada como uma das mais representativas para o enriquecimento epistemológico geográfico na década de 1970. Nesse sentido, entender a categoria apresentada possui um significado maior, pois permite analisar como um conceito oriundo da economia política foi operacionalizado criando um nexo entre o marxismo e a Geografia miltoniana.

Palavras-chave: Karl Marx; formação econômica-social; Milton Santos; formação socioespacial.

**THE OPERATIONALIZATION OF THE CONCEPT SOCIO-
ECONOMIC FORMATION: THE NEXUS BETWEEN MARXISM AND
THE GEOGRAPHY OF MILTON SANTOS**

Abstract

The analytical category socio-spatial formation was formulated by Milton Santos in the 1970s and assimilates the debate around the Marxian theoretical matrix economic-social formation integrating the spatial dimension with emphasis on the characteristics of concreteness and wholeness. The purpose of this essay is to carry out a bibliographical review of the socio-spatial formation category addressing its genesis in Karl Marx, the associated concepts, the precursors in Brazilian Geography and the controversies surrounding it. The category can be considered as one of the most representative proposals of Milton Santos for the epistemological reformulation dedicated to the new directions that sought to impute to Geography in the 1970s. In this sense, understanding the proposed category takes on greater significance in the context of geography, as it allows understanding how a concept derived from political economy was operationalized by a geographer.

Keywords: Karl Marx; sócio-economic formation; Milton Santos; sociospatial formation.

LA OPERACIONALIZACIÓN DEL CONCEPTO DE FORMACIÓN ECONÓMICA Y SOCIAL: EL NEXO ENTRE EL MARXISMO Y LA GEOGRAFÍA DE MILTON SANTOS

Resumen

La categoría analítica formación socioespacial fue formulada por Milton Santos en la década de 1970 y asimila el debate en torno de la matriz teórica marxista formación económica y social integrando la dimensión espacial con énfasis en las características de materialidad y totalidad. El propósito de este ensayo es llevar a cabo una revisión bibliográfica de la categoría de formación socioespacial que aborde su génesis en Karl Marx, los conceptos asociados, los precursores en la geografía brasileña y las controversias que la rodean. La categoría puede considerarse como una de las propuestas más representativas de Milton Santos para la reformulación epistemológica dedicada a las nuevas direcciones que buscaban imputar a la Geografía en la década de 1970. En este sentido, comprender la categoría propuesta adquiere una mayor importancia en el campo de la geografía, ya que permite comprender cómo un geógrafo operacionalizó un concepto derivado de la economía política.

Palabras Clave: Karl Marx; formación económica y social; Milton Santos; Formación socioespacial.

Introdução

A reflexão sobre a operacionalização de conceitos oriundos de ciências diversas e aplicados à Geografia ampliam a produção do conhecimento geográfico. É na busca de contemplar esse importante exercício reflexivo que apresento algumas considerações sobre o empenho de Milton Santos ao estabelecer a categoria analítica formação socioespacial e sua contribuição com o que pode ser considerado como nexo entre o marxismo e o enriquecimento teórico e epistemológico no pensamento geográfico de Milton Santos. Com isso não tenho a intenção de posicionar o geógrafo como marxista ou não, apenas, demonstrar a maneira que considero apropriada para entender como Milton Santos operacionalizou geograficamente um conceito central do materialismo histórico e dialético – com bases na Filosofia e amadurecimento na Economia Política – e com isso enriqueceu epistemologicamente a Geografia brasileira. Apresento, especificamente, o conceito formação econômica-social e interpreto os momentos em que o Milton Santos propôs a formação socioespacial como categoria analítica adequada para auxiliar a teorização sobre espaço. Tais argumentações surgem após o debate “Marxismo e Geografia” promovido pelo Grupo de Pesquisas Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) no colóquio “Pensamento, Economia e Espaço”¹.

¹ Sou grato ao convite para participação no evento por parte de Eliseu Sposito, Guilherme Claudino e Victor Cordeiro.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 48-76, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

Nesse momento, limito minha análise ao estudo da categoria formação socioespacial a partir do artigo *Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método*², publicado em 1977, e a retomada em *Por uma Geografia Nova. Da crítica a Geografia a Geografia crítica*, publicação de 1978, porém não omito outras passagens que considero relevantes. Esse ensaio objetiva, também, por meio de revisão bibliográfica, identificar os precursores que inseriram o conceito formação econômica-social na Geografia brasileira e autores posteriores que fazem uso da categoria proposta por Milton Santos.

A utilização da categoria formação socioespacial na Geografia é recorrente na atualidade. Ainda que as matrizes teóricas sejam diversas ou mesmo que pesquisadores não explicitem a origem do conceito seguindo, ou não, a formulação original de formação econômica-social de Karl Marx, fato que revela certa ambiguidade na Geografia crítica brasileira. Milton Santos foi pioneiro na operacionalização do conceito marxiano esclarecendo a derivação que o conduz da matriz original à formação socioespacial, deixando manifesto o diálogo com o pensamento geográfico crítico sobre a produção do espaço da década de 1970 firmando, assim, uma Geografia de base marxista reconhecida por seu potencial crítico em relação a análises sobre produção do espaço e processos territoriais.

É nesse contexto que o presente ensaio é apresentado. Na tentativa de demonstrar o que considero como nexos entre Milton Santos e o marxismo organizei o texto em três partes, em um primeiro momento aproximo o leitor do conceito originalmente exposto por Karl Marx, em seguida busco demonstrar, de maneira sucinta, os primeiros esforços de aproximação feita por geógrafos e o vigor notório de Milton Santos para operacionalizar geograficamente o conceito formação econômica-social por meio da categoria formação socioespacial, por fim, a atualidade da categoria proposta posicionando a formação socioespacial como central na atualidade do debate sobre a produção do espaço.

² Publicado originalmente em 1977. ***Society And Space: Social Formation As Theory And Method***. Antipode, Vol. 9, Nº 1. *Société et espace: la formation économique et social comme théorie et comme méthode*. Cahiers Internationaux de Sociologie, v. LX. Sobre o mesmo tema: *Introduction*. (com Richard Peet). Antipode, v. 9, n. 1. 1977. ***Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método***. Boletim Paulista de Geografia, n. 54, 1977. Traduzido do francês por Maria Encarnação Vasquez Beltrão e revisado por Max Henri Boudin.

Sobre a categoria formação econômica-social em Karl Marx³

Difícilmente se apreenderá a gênese e finalidades associadas a categoria formação socioespacial proposta por Milton Santos sem dedicar atenção central ao conceito marxiano formação econômica-social, isso porque, conforme escreveu Mamigonian (1996), Corrêa (1996) e outros, é reconhecido que a proposição de Milton Santos é derivada daquela. Contudo, a continuidade de estudos sobre o conceito original, na Geografia, pode ser considerada como um tanto nebulosa no decorrer do Século XX, o que justifica uma aproximação, ainda que singela, a forma como esse importante conceito foi elaborado.

É em Karl Marx que identifique os primeiros esforços sobre a elaboração do conceito formação econômica-social como processo histórico. Seus primeiros escritos indicam que a mesma se refere a materialização de relações de determinadas sociedades ao passo que, outro importante conceito que auxilia a interpretação dessa materialidade – modo de produção – se refere a algo mais abstrato. Assim, o modo de produção capitalista, por exemplo, estaria, em cada formação econômica-social específica, combinado com outros modos de produção subordinados, e essa combinação conformaria a distinção peculiar a cada sociedade.

A diferenciação entre formação econômica-social e o conceito de modo de produção é fundamental para se apreender a significação da categoria marxiana que remonta às obras clássicas de Karl Marx e Friedrich Engels (Sereni, 2013). Para Samir Amin o conceito de modo de produção é “[...] um conceito abstrato. Não implica nenhuma ordem de sucessão histórica em todo o período da história das civilizações, que se estende desde as primeiras formações diferenciadas até ao capitalismo (AMIN, 1973, p. 9)”. De acordo com Reis (2000), Samir Amin:

[...] frisa que nenhum destes modos de produção (comunitário primitivo; escravista; produção mercantil simples; capitalista) existiu nesta forma ideal: as sociedades históricas são *formações*. As formações sociais são estruturas concretas, organizadas, caracterizadas por um modo de produção dominante e pela articulação à volta deste de um conjunto complexo de modos de produção que a ele estão submetidos (REIS, 2000, p. 66, *italico no original*).

³ Me limito aos escritos de Karl Marx, mas reconheço a importância dos estudos desenvolvidos ainda no Século XIX, como o antropólogo Lewis Morgan, citado por Karl Marx em sua carta a Vera Zasulich e também por Friedrich Engels em seu trabalho de 1844 que, de certa forma, apesar de variações, contribui com a análise da formação econômica-social. Já no Século XX, destaco, além dos estudos aqui apresentados, a introdução escrita por Eric Hobsbawm em *Formas que Precederam a Produção Capitalista*, escrito por Karl Marx em 1857. No Brasil, os trabalhos de Caio Prado Júnior publicados na revista Geografia, da Associação dos Geógrafos Brasileiros, e a publicação de 1968 de Darcy Ribeiro também são referências.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 48-76, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

O conceito formação econômica-social alude a observação da concreticidade de determinada sociedade, compreende sua evolução – formação e mudança histórica – como realidade histórico-concreta, geograficamente localizada. O que fundamenta seu esclarecimento é o estudo sobre a relação entre a sociedade e a natureza, tendo o ser humano como atuante na produção do espaço. Sendo assim, seu estudo possibilita:

[...] o conhecimento de uma sociedade na sua totalidade e nas suas frações, mas sempre como um conhecimento específico, percebido num dado momento de sua evolução. O estudo genérico permite reconhecer, a partir de sua filiação, as similaridades entre FES; mas isso não é suficiente. É preciso definir a especificidade de cada formação, o que a distingue das outras, e, no interior da FES, a apreensão do particular como uma cisão do todo, um momento do todo, assim como o todo reproduzido numa de suas frações. (SANTOS, 2014, p.25).

Portanto, unidade e totalidade da materialidade do processo histórico permeia todo o debate sobre formação econômica-social e, esse entendimento consolida a mesma como categoria central na maturidade do marxismo, principalmente a partir das contribuições de Vladimir Lenin⁴ (SERENI, 2013).

O conceito formação econômica-social foi ordenadamente apresentado. Verifica-se sua utilização a partir da primeira elaboração realizada de forma sistemática da concepção materialista e dialética da história em *A Ideologia Alemã*, redigida por Karl Marx e Friedrich Engels entre 1845 e 1846. Nessa obra, especificamente o Volume I, dedicado a crítica sobre Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer e Max Stirner é pautado na materialidade da história mundial, cuja periodização está justamente fundamentada sobre os diferentes graus de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de propriedade, isto é, do modo de produção que caracteriza diferentes épocas. Falta, contudo, a enunciação de formação econômica da sociedade, em seu lugar, é utilizada a expressão conceitual forma de sociedade. Ainda que a formulação exata de formação econômica-social não esteja presente, entendo que o sentido processual, histórico, portanto, se dá na relação entre um conjunto de outros conceitos utilizados, tais como forma de sociedade, forma de intercâmbio e forma de propriedade, que aparecem vinculados ao conceito modo de produção.

É também em *A Ideologia Alemã* (MARX; ENGELS, 2012) que os autores oferecem outro conceito que irá auxiliar na elaboração de formação econômica-social, trata-se de

⁴ Sobre esse ponto, ver: “O desenvolvimento do capitalismo na Rússia” e “Quem são os amigos do povo e como lutam contra os social-democratas”.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 48-76, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

forças produtivas. Na obra citada os autores utilizam esse conceito relacionando o mesmo com a periodização historiográfica, o que pode ser entendido, com base em Harris (2011), que o conceito de forças produtivas abrange os meios de produção e a força de trabalho. Nessa concepção, o desenvolvimento das forças produtivas envolve, portanto, processos. Fatos históricos concretizados no tempo e espaço como, por exemplo, o desenvolvimento da maquinaria, a descoberta e exploração de novas fontes energéticas, a educação do proletariado e a emancipação feminina. Fatos esses que revelam o caráter histórico de determinadas formações sociais.

Contudo, em *A Ideologia Alemã* a expressão relações de produção também não é enunciada em associação e relação dialética com o de forças produtivas, sobre isso, Emílio Sereni escreveu: “[...] em *A Ideologia Alemã* o termo formação aparece, se bem que sem um nexos direto e explícito com uma qualificação como a de social, ou de sociedade” (SERENI, 2013, p. 301). Mas, além da falta de clareza do contexto em que o termo foi utilizado em *A Ideologia Alemã*, passa-se o fato que naquela obra o uso do termo formação é absolutamente isolado. Fato esse que vai ser superado somente entre os anos 1846 e 1847 quando a noção de relações de produção é elaborada em *Miséria da Filosofia* (MARX, 2016) e no *Manifesto Comunista* (MARX; ENGELS, 2017).

Já em 1852, quando da publicação de *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, Karl Marx faz uso do materialismo histórico e dialético para análise da realidade da França pós-revolucionária e evidencia a formação social como um conceito estreitamente atrelado à sua teoria revolucionária. Ainda que não citando explicitamente o termo formação social, a perspectiva processual – intrínseca a concepção de formação – e a importância dada as instâncias sociais está presente no escopo de sua análise e é bem retratada no conhecido trecho:

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhe foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem, o seu figurino, a fim de representar, com essa venerável roupagem tradicional e essa linguagem tomada de empréstimo, as novas cenas da história mundial. (MARX, 2011a, p. 26).

E assim tem início seu amadurecimento intelectual para a interpretação da formação econômica-social. Passados mais de dez anos dessas primeiras publicações é, no *Grundrisse*, redigido em 1858, que Karl Marx vai fazer uso, ao invés de forma de sociedade, o termo formação da sociedade ao exemplificar as sociedades que precederam a formação capitalista⁵, passa então de um termo estático – forma – para outro, dinâmico – formação.

Mas é em 1859, quando da publicação de *Introdução a Crítica da Economia Política*, que a relação entre forças produtivas e relações de produção aparece já definida e esclarecida. Aí está manifesta a teoria de que a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção subjaz à dinâmica do modo de produção capitalista. A contradição é precisamente a existência da história como processo dinâmico – sucessão – de modos de produção que conduz ao colapso necessário de um modo de produção antecedente e à sua substituição (HARRIS, 2011). Essa relação entre forças produtivas e relações de produção foi assim escrita na já célebre passagem:

[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de reprodução da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais elas se haviam desenvolvido até então (MARX, 2008, p. 47).

Ainda na *Introdução à Contribuição à Crítica da Economia Política* é utilizada a noção mais completa de formação econômica da sociedade.

Uma sociedade jamais desaparece antes que estejam desenvolvidas todas as forças produtivas que possa conter, e as relações de produção novas e superiores não tomam jamais seu lugar antes que as condições materiais de existência dessas relações tenham sido incubadas no próprio seio da velha sociedade. Eis porque a humanidade não se propõe nunca senão os problemas que ela pode resolver, pois, aprofundando a análise, ver-se-á sempre que o próprio problema só se apresenta quando as condições materiais para resolvê-

⁵ Segunda seção: o processo de circulação do capital.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 48-76, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

lo existem ou estão em vias de existir. Em grandes traços, podem ser os modos de produção asiático, antigo, feudal e burguês moderno designados como outras tantas épocas progressivas da *formação econômica da sociedade*. As relações de produção burguesas são a última forma antagônica do processo de produção social, antagônica não no sentido de um antagonismo individual, mas de um antagonismo que nasce das condições de existências sociais dos indivíduos; as forças produtivas que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para resolver esse antagonismo. Com essa formação social termina, pois, a pré-história da sociedade humana (MARX, 2008, p. 48, itálico do autor).

A utilização de novos termos até a concepção de formação econômica-social ao longo do amadurecimento intelectual de Karl Marx, por várias razões, desperta atenção. Trata-se, em primeiro lugar, como exposto anteriormente, da passagem do uso de um termo de caráter estático a outro de caráter dinâmico. A evolução teórica sobre o conceito da formação social em Karl Marx centra-se, destarte, numa abordagem histórica de maior clareza desde *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*, em que as características espaciais de uma sociedade concreta, territorialmente delimitada, são, ainda que não explicitamente apresentadas, majoritariamente subentendidas.

O fato de que a passagem de uso entre um termo que indica estado a outro que indica ação expressa um aprofundamento do conceito formação de sociedade e não somente uma nova formulação de escrita como muito bem observou Emílio Sereni. Essa transição de forma a formação surge no mesmo contexto do excerto anteriormente citado da *Introdução à Contribuição à Crítica da Economia Política*, onde, pela primeira vez, é utilizado o termo formação econômica da sociedade para indicar épocas progressivas significando, em meu entendimento, que uma formação econômico-social expressa justamente, um processo, uma realidade dinâmica e não estática. Além disso, este conceito aparece mais tarde, explicitamente, em outra passagem de Karl Marx no *Prefácio* de 1867 do primeiro tomo de *O Capital*.

Meu ponto de vista, que apreende o *desenvolvimento da formação econômica da sociedade como um processo histórico-natural*, pode menos do que qualquer outro responsabilizar o indivíduo por relações das quais ele continua a ser socialmente uma criatura, por mais que, subjetivamente, ele possa se colocar acima delas (MARX, 2013, p. 80, itálicos do autor).

Nessa passagem, a conjuntura em que ocorre a formação econômica de determinada sociedade é explicitamente concebida como um processo histórico-natural. Considero evidente que isso não significa que um termo como o de formação social não seja usado geralmente para designar o processo de formação da sociedade em geral, senão o de *Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 48-76, mês Nov. Ano 2019.*
ISSN: 1984-1647

uma determinada sociedade ou uma sucessão de sociedades, ou, o resultado, o fato final que compreende tal processo.

No fragmento destacado – em itálico – da passagem acima concordo com a interpretação de Emílio Sereni que entende que o progresso de determinada sociedade não deve ser entendido no sentido de uma linha de sucessão única e obrigatória das diversas formações econômica-sociais. Ele – *o desenvolvimento da formação econômica da sociedade* – indica que uma sucessão é ascendente e progressiva – *processo histórico-natural* – cujas fases levam desde a antiguidade até a atualidade na qual, portanto, a sucessão real das diferentes formações sociais ou épocas históricas pode e deve, em cada caso, ser sempre verificada só e exclusivamente pela materialidade dos fatos (SERENI, 2013).

Karl Marx volta a escrever sobre esse tema em 1881 – passada a publicação de *O Capital* – em uma carta a Vera Zaslitch⁶, na qual se pode ler:

É por isso que a “comuna agrícola” se apresenta por toda a parte, portanto, como o tipo mais recente da formação arcaica das sociedades, e que, no movimento histórico da Europa ocidental, antigo e moderno, o período da comuna agrícola aparece como período de transição da propriedade comum para a propriedade privada, como o período de transição da formação primária para a formação secundária. Mas quer isto dizer que em todas as circunstâncias o desenvolvimento da “comuna agrícola” deverá seguir esta via? De modo nenhum. Sua forma constitutiva admite esta alternativa: ou o elemento da propriedade privada, que ela implica, triunfará sobre o elemento coletivo, ou este triunfará sobre aquele. Tudo depende de seu contexto histórico, no qual ela se encontra localizada.... Estas duas soluções são a priori possíveis, mas para que ocorra uma ou outra se requerem evidentemente meios históricos completamente diferentes (MARX, 2005, p. 113, aspas no original).

É saliente como neste escrito Karl Marx rebate, com todo seu rigor, a errônea interpretação⁷ de suas ideias, interpretação essa que assinala ao entendimento de uma linha de sucessão única e obrigatória das diversas formações econômica-sociais e épocas históricas, da qual se pretendesse deduzir algum tipo de fatalidade histórica. Assim, por exemplo, observa-se nas anotações finais do *Grundrisse* que Karl Marx, ao fazer apontamentos para

⁶ Trabalhou ao lado de Gueorgi Plekhanov e Pavel Akselrod na tradução de trabalhos de Karl Marx para o russo e na criação do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) em 1898. Atuou na fundação do jornal revolucionário Iskra. Durante o II Congresso do POSDR, houve uma ruptura na interpretação do marxismo e Zaslitch optou pela aliança a Julius Martov, tornando-se uma líder Menchevique.

⁷ Interpretação feita pela própria Vera Zaslitch. Ver, por exemplo: *Marx e os outros*, escrito por Jean Tible.

serem retomados posteriormente – lembrando o caráter introdutório, ou de rascunho desse trabalho – indica que: “[...] há toda uma série de sistemas econômicos entre o mundo moderno, em que o valor de troca domina a produção em toda a sua profundidade e extensão, e *as formações sociais cujo fundamento é constituído pela propriedade comunal já dissolvida [...]*” (MARX, 2011b, p. 757, itálico do autor).

Assim sendo, considero importante compreender que o processo histórico, e geográfico, de formação de determinada sociedade no tempo e no espaço permite recompor algumas especificidades tendo como essência a superestrutura de determinado modo de produção e a dinâmica dialeticamente produzida a partir deste. Dos escritos até o momento é possível entender que originalmente a formação econômica-social foi apresentada como um elemento que compõe o materialismo histórico e dialético expondo que a ciência deveria atrelar-se a materialidade, ou à síntese das múltiplas determinações, devendo apreender a totalidade de determinada sociedade possibilitando a compreensão da concreticidade da mesma.

Desse modo, pondero que, formação econômica-social é composta pelas características social e econômica, ao ponto que formação econômica é uma abstração teórica que se relaciona a modo de produção e, por sua vez, a formação social diz respeito à evolução diferencial das sociedades, relacionado à produção realizada pelo homem e também às forças externas. Logo, a formação econômica-social deve ser apreendida mediante o conhecimento da totalidade do desenvolvimento histórico pelo qual passou a sociedade, pois dessa maneira pode-se entender como a mesma se constitui geograficamente.

Formação sócio-econômica e sua operacionalização geográfica por Milton Santos: a formação socioespacial

Na Geografia, os estudos pioneiros sobre o conceito são os realizados por Gueorgui Plekhanov⁸ e Karl August Wittfogel⁹, na Década de 1930. No Brasil, a expansão do marxismo

⁸ Gueorgui Plekhanov foi pioneiro na introdução do marxismo na Rússia pela tradução do Manifesto Comunista. Dedicado aos estudos de mineralogia, logo destacou a importância dos estudos geográficos aliados a práticas econômicas para a compreensão das formações econômicas-sociais. Tornou-se um dos líderes Menchevique e, mesmo assim, após o rompimento filosófico com Lênin, esse ainda indicava a leitura das obras de Plekhanov. A esse respeito ver, por exemplo: *Juntando os pedaços de Lênin*, de Adrian Johnston.

⁹ Karl August Wittfogel foi um geógrafo inserido no campo da sinologia, sua atuação como pesquisador teve início no âmbito do chamado Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, na Alemanha, instituição que abrigava o grupo de intelectuais que ficaram famosos por criar a assim chamada escola de Frankfurt. Ver: *Teoria e método: Wittfogel*. Associação dos Geógrafos Brasileiros. Seleção de textos n° 20. *Karl August Wittfogel: um geógrafo comunista Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 48-76, mês Nov. Ano 2019.*

ocorre no mesmo período dando origem a uma geração de intelectuais e geógrafos brilhantes. Uma das primeiras aproximações frutíferas entre a Geografia e o marxismo no Brasil, em relação a formação econômica-social, pode ser identificada nos trabalhos de Caio Prado Júnior – além das obras célebres de 1951 e 1970 – em suas publicações na revista Geografia da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) de 1935 que se esforçava para uma primeira aproximação as novas ideias que o marxismo propõe. Para Antunes (2008):

Desde a fundação da AGB, a ideia de uma publicação regular foi objeto de consideração. Em 1935, a Associação dos Geógrafos Brasileiros, através de reconhecido empenho do então secretário da Associação, o Dr. Caio Prado Júnior, conseguiu publicar a “Revista Geografia”, que foi a primeira revista da moderna ciência geográfica no Brasil (ANTUNES, 2008, p. 102, aspas no original).

E, nas palavras de um dos mais ilustres geógrafos brasileiros – Aziz Ab´Saber – essa revista foi uma das mais importantes formas de divulgação dessa nova geração de geógrafos (AB´SABER, 1960). Essa primeira aproximação estimulou a relação entre o marxismo e a Geografia brasileira ainda na década de 1930, mesmo que de maneira não explícita (ANTUNES, 2008).

Posteriormente, com a expansão do marxismo a partir principalmente da década de 1960 e a influência de Caio Prado Junior e outros geógrafos como Manoel Correia de Andrade, Milton Santos inicia sua elaboração teórica sobre a formação socioespacial participando ativamente da aproximação entre Geografia e marxismo no período que corresponde as décadas de 1960 e 1970 durante parte do seu exílio na França. Nesse momento Milton Santos pode dialogar com geógrafos de base marxista atuantes, por exemplo, no Partido Comunista Francês, como Raymond Guglielmo, Jean Suret-Canale, Pierre George e outros como Michel Rochefort e Bernard Kayser, além da relação com Neil Smith, David Harvey e Richard Peet que estimularam o movimento internacional de aproximação da Geografia ao marxismo e, nesse momento, ele se introduziu nessa experiência por intermédio, principalmente, de Jean Tricart, de quem herdou a ideia de espaço como conjunto de forma, função, estrutura e processo (PEDROSA, 2018).

Em seus estudos sobre o conceito de formação econômica-social, Milton Santos colabora com a renovação da Geografia empreendida nesse período – décadas de 1960 e

na escola de Frankfurt, de Breno Viotto Pedrosa e *Geopolítica, materialismo geográfico e marxismo: a crítica de Karl August Wittfogel*, de Heinz Dieter Heidemann, e outros.

1970 – como um membro ativo, mesmo exilado, dentre os geógrafos brasileiros. Para Machado (2016), a aproximação com o marxismo e a proposição da categoria formação socioespacial estão vinculadas à preocupação em entender o espaço geográfico como parte do processo de totalização histórica como decorrência de determinados modos de produção e de suas respectivas formações econômicas e sociais, Milton Santos, portanto, concebe o espaço geográfico enquanto produto das relações sociais de produção e, essa compreensão do espaço geográfico é contemporânea à nova apreciação que esse conceito passa a ter na teoria social a partir do último quarto do Século XX. Parte-se, para tanto, de uma crítica à modernidade ao se denunciar que toda ordem de progresso, de revolução e de desenvolvimento estava atrelada à categoria do tempo, ao passo que o espaço seria visto como uma categoria conservadora e estática.

Advém, desse modo, a compreensão oposta a de espaço estático para outra, dialética, produto do trabalho social. Com isso, a Geografia é suscitada a superar a predileção que teve pelas formas. “Pode-se dizer que a Geografia se interessou mais pela forma das coisas do que pela sua formação” (SANTOS, 2014, p. 21). Assim, Milton Santos traz a Geografia o conceito formação econômica-social de Karl Marx e propõe a formação socioespacial em 1977, quando é publicado o artigo “*Sociedade e espaço: a formação social como teoria e método*”. É nesse artigo que Milton Santos escreve, claramente, que formação econômica-social e espaço geográfico são praticamente coincidentes.

Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial aliada à sociedade local pode servir como fundamento da compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social. Daí a categoria de Formação Econômica e Social parece-nos a mais adequada para auxiliar a formação de uma teoria válida do espaço. Esta categoria diz respeito à evolução diferencial das sociedades, no seu quadro próprio e em relação com as forças externas de onde mais frequentemente lhes provêm o impulso. A própria base da explicação é a produção, isto é, o trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com o qual o grupo se confronta (SANTOS, 2014, p. 22).

Essa citação permite compreender não somente o potencial que Milton Santos apresenta a Geografia naquele momento sugerindo a formação sócio-econômica como categoria adequada para a formulação de uma teoria espacial, cabe destacar também, a nítida influência do marxismo em seu pensamento. “Aqui podemos afirmar, sem dúvida, que se tratou de um momento central em seus diálogos com a economia política, efetivado a partir

da internalização da categoria marxista de formação econômico social” (GRIMM, 2011, p. 159). Como também escreveu Reis (2000):

É essencialmente dialética a forma como Milton Santos encaminha sua proposição, na medida em que, ao indagar-se “se é possível falar de FES sem incluir a categoria espaço” (Santos, 1977, p. 10), parte da constatação (tese) da ausência do espaço nas análises orientadas pela categoria FES. Ao explicitar, no desenvolvimento de sua proposta, que a categoria FES, por seus traços constitutivos, não pode prescindir da dimensão espacial (antítese), esse autor nega a ausência do espaço nas análises orientadas pela categoria FES e propõe, assim, uma síntese: a *formação socioespacial* (REIS, 2000, p. 42, aspas e itálicos no original).

A formação socioespacial pode ser compreendida a partir do entendimento geral das relações entre as sociedades e a natureza como estruturadas, justamente, sobre a formação econômica-social. Sendo assim, uma primeira aproximação sobre a operacionalização geográfica de formação econômica-social para a constituição de formação socioespacial pode ser entendida a partir da afirmação de que “[...] não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social” (SANTOS, 2014, p. 22).

Para estabelecer tal afirmação, além da influência dos estudos espaciais de Henry Lefebvre, David Harvey, Edward Soja e outros, Milton Santos se aproxima da literatura marxista sobre o tema – em especial os italianos da *Crítica Marxista*¹⁰ – e, ao que indica, se dedica a entender o conceito formação econômica-social por suas características que permitem o conhecimento de uma sociedade em sua totalidade e concreticidade.

Aqui, a distinção entre modo de produção e formação social aparece como necessidade metodológica. O modo de produção seria o “gênero” cujas formações sociais seriam as “espécies”; o modo de produção seria apenas uma possibilidade de realização e somente a FES seria a *possibilidade realizada*. (SANTOS, 2014, p. 26).

Milton Santos, ao tornar evidente a indissociabilidade entre a categoria marxiana e a dimensão espacial na conjuntura de elaboração da categoria formação socioespacial, não se preocupa em fazer uso de uma definição específica de formação econômica-social – evitando o debate semântico já muito bem esclarecido por Emílio Sereni e citado pelo geógrafo. Mais apropriado é reconhecer que Milton Santos recorre a várias propriedades que permitem sua operacionalização na Geografia, mais especificamente, a dinâmica inclusa no conceito de

¹⁰ Revista italiana fundada em 1963, ainda disponível on-line no link: <https://criticamarxista.net/>

formação, pois Milton Santos considera a dinâmica das sociedades em movimento no tempo e no espaço sob o ímpeto do desenvolvimento de suas contradições internas e, no estudo dessa dinâmica, pode estar incluída a teoria da totalidade da formação sócio-econômica desenvolvida por Karl Marx enquanto forma de expressão concreta das relações entre a sociedade e a natureza que contornam o espaço geográfico. Pois, em tempos distintos, as diferentes formações sociais têm relações diferenciadas e a essência de tais nexos é o caráter dinâmico da formação, especialmente das relações sociais resultantes de determinado modo de produção. E, as relações sociais representam, na verdade, a concreticidade das relações entre componentes da formação econômico-social embutidas em localidades geográficas ou relações entre formações sociais totais.

Destacar a importância dada pelo geógrafo ao trabalho desenvolvido por Karl Marx significa que, pensar a evolução epistemológica da Geografia – a partir de, ou em Milton Santos – permite reconhecer alguns conceitos que são centrais na compreensão daquilo que se almeja como objeto de estudo geográfico: o espaço. Entretanto existem dicotomias conceituais que são aplicadas a Geografia e que se tornam metáforas e, como o próprio Milton Santos escreveu: “Conceitos em uma disciplina são frequentemente apenas metáforas nas outras, por mais vizinhas que se encontrem. Metáforas são *flashes* isolados, não se dão em sistemas e não permitem teorizações” (SANTOS, 2009, p. 32, *italico no original*). Daí a necessidade da operacionalização para que determinado conceito ou categoria se torne aplicável à Geografia tendo em vistas a necessidade de delimitação de um *corpus* teórico próprio.

Milton Santos, no exercício constante de aprimorar sua teoria espacial publica em 1978 *Por um Geografia Nova. Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. Nesse trabalho podemos ler que: “O ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço” (SANTOS, 2008, p. 202). Com essa afirmação Milton Santos aproxima ainda mais sua Geografia ao materialismo histórico e dialético pensando o espaço como um produto das relações sociais de produção e partindo para uma análise que irá superar reducionismos positivistas, idealistas e descricionistas sem renunciar ao ecletismo literário que lhe é característico (CONTEL, 2014).

É justamente esse enriquecimento literário que permite Milton Santos se aproximar do marxismo sem o enrijecimento comum a época de suas publicações sobre a categoria formação econômica-social. Porém, entendo que o peso do marxismo nesse momento é

nítido em sua trajetória, ele se aproxima do embate sobre sobre os conceitos modo de produção e formação econômica-social dedicando fundamental importância para a concreticidade e a totalidade e, a partir daí, desenvolve sua teoria inserindo o espaço geográfico como instância fundamental da materialidade geográfica para pensar a totalidade da formação socioespacial.

A concreticidade da formação econômica-social é enfatizada por Milton Santos¹¹. Para ele, a formação econômica-social é indissociável do concreto e este é representado por uma sociedade histórica e geograficamente determinada, formulação essa baseada nos escritos de Karl Marx e Vladimir Lenin¹². Porém, a concreticidade da formação econômica-social não deve ser limitada ao empirismo. Uma interpretação nessa acepção acarretaria um enfoque espacialista, enquanto o concreto a que Milton Santos se refere em 1977 e 1978, constitui, de acordo com o que escreveu Richard Peet [...] “a base epistemológica da dialética socioespacial” (PEET, 1996).

A formação socioespacial aludi a apreciação da concreticidade de uma sociedade abarcando sua evolução, situação atual, mudança histórica e suas relações, em síntese, os processos que a envolvem como totalidade sendo esta uma realidade histórico-concreta, geograficamente localizada. Sendo, portanto, a base da explicação o ato de produção, onde o homem transforma o espaço. Nesse sentido está a importância da associação da noção de totalidade na elaboração do conceito de formação socioespacial que se relaciona ao espaço como uma instância social, na formação econômica-social.

[...] nenhum enfoque que deixe de lado a noção de totalidade permitirá uma correta noção da realidade. Por isso sugerimos uma melhor utilização do conceito de FES nos estudos geográficos e, mesmo, propusemos a introdução [...] da categoria de formação sócio-espacial (SANTOS, 2014, p. 25).

Em relação a totalidade, Milton Santos escreveu sobre a analogia dessa com o espaço geográfico e assevera que as formações sociais influenciam os períodos posteriores dos modos de produção.

O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em

¹¹ Essa propriedade relaciona-se ao critério objetivo estabelecido por Karl Marx na *Introdução de 1857* para a construção de todo o modelo de análise fundamentado na categoria formação econômico-social.

¹² Milton Santos cita ambos os autores em sua publicação de 1977.

função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influência também a evolução de outras estruturas e, por isto, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (SANTOS, 2014, p. 33).

A esse respeito, ainda escreve, com base em Emílio Serení, que:

[...] a unidade da continuidade e da descontinuidade do processo histórico não pode ser realizada senão *no* espaço e *pelo* espaço. [...] A evolução da formação social está condicionada pela organização do espaço, isto é, pelos dados que dependem diretamente da formação social atual, mas também das formações econômico-sociais permanentes (SANTOS, 2014, p. 32, *itálicos no original*).

Essa propriedade da categoria formação econômica-social – totalidade – possui um papel central na operacionalização do conceito marxista no período de renovação da Geografia e é desenvolvida com maior riqueza de detalhes em 1978 ao escrever sobre formação social e renovação da Geografia identificando o poder dos agentes atuantes no controle do modo de produção capitalista na produção do espaço.

A noção de totalidade ganha agora uma nova importância e aparece mesmo como uma imposição do momento atualmente vivido pela história do sistema capitalista. Isso tem uma certa ironia, pois a noção assim revalorizada vai permitir uma tomada de consciência que não estava nos planos do sistema suscitar. Como, sem a noção de totalidade, explicar, por exemplo, que certos Estado sejam cada dia mais ricos e outros cada dia mais pobres? Como explicar, igualmente que, a despeito dos índices de crescimento econômico positivos e em certos casos reconfortantes, o volume de pessoas pobres esteja sempre aumentando? Como, ainda, explicar que nos países ricos, onde a mais-valia proveniente da superexploração desemboca de toda parte, o número de indivíduos sem emprego e de pobres cresça sem parar? (SANTOS, 2008, p. 236).

Considero, a partir desse ponto, que é aí que Milton Santos apresenta todo seu rigor científico e consegue operacionalizar geograficamente o conceito de formação econômica-social. Nos parágrafos que seguem a citação anteriormente exposta, o geógrafo demonstra seu potencial teórico, ao meu ver, com nitidez espantosa. Fazendo uso das duas propriedades centrais – concreticidade e totalidade – o geógrafo harmoniosamente detalha seu pensamento.

Esclarecendo sobre a materialidade das desigualdades escreve que essa realidade deve ser considerada como totalidade na qual há interdependência de todas as partes geradas pela desigualdade resultante da expansão do modo de produção capitalista, ou seja, a totalidade expressa sua materialidade, mas não se confunde, com o desenvolvimento desigual que cria, a cada momento, novas totalidades.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 48-76, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

Tudo isso explica porque o estudo das Formações Econômicas e Sociais constitui o melhor ponto de partida para um tal enfoque, pois sendo, como são, uma categoria teórica, as F. E. S. Somente existem, no entanto, por causa dos seus aspectos concretos que permitem levar em conta a especificidade de cada sociedade (sua evolução particular, sua situação atual, suas relações internas e externas) tomada como uma realidade historicamente determinada, fundada sobre uma base territorial (SANTOS, 2008, p. 237).

Desses escritos, entendo, com base em uma importante contribuição de um artigo de Richard Peet publicado, também em 1978 – *Materialism, Social Formation and Socio-Spatial Relations: an Essay in Marxist Geography* – que estas especificidades – a concreticidade e totalidade – são produto e contexto de processos sociais particulares que permitiram a operacionalização do conceito marxista. As mesmas – concreticidade e totalidade – são ordenadas no espaço geográfico pelas relações de toda forma de formação econômica-social. E mais, elas têm certas semelhanças básicas, produzidas pela natureza fundamental do modo de produção capitalista que vai se materializar, exatamente, em determinada formação socioespacial.

A categoria de formação socioespacial é ainda trabalhada por Milton Santos em outros estudos, principalmente relacionados ao Brasil. Cabe recordar que Milton Santos e Maria Laura Silveira entendem a formação socioespacial como uma teoria das mediações entre a teoria social do espaço e o estudo teórico-empírico sobre o Brasil e suas diferenciações espaciais. Entendo que essa é a formulação que vai permitir a aproximação da Geografia com a tradição mais ampla do pensamento social brasileiro, pois essa forma de entender a formação socioespacial eleva a mesma à categoria de análise geográfica.

A atualidade do conceito de formação socioespacial

A aproximação da Geografia brasileira ao marxismo pode ser entendida a partir da proposta de Milton Santos de sua categoria analítica formação socioespacial. Porém, não sem considerar os embates teóricos que ocorrem no Século XX por movimentos ora mais enfáticos, ora mais tímidos, como por exemplo a Geografia Ativa da década de 1950, que orbitava em torno, sobretudo, de Pierre George. Outros geógrafos, aqui já citados, como

Karl August Wittfogel, na Alemanha, e Massimo Quaini, na Itália, contribuíram de maneira geral para ampliar as ramificações marxistas na Geografia.

Mas, no Brasil das décadas de 1960 e 1970, quando da formação da Geografia crítica, foi o nome de Milton Santos que cintilou como referência a partir de seus artigos sobre países subdesenvolvidos, a formulação da categoria formação socioespacial e de sua publicação de 1978. Nesse sentido, a influência de Milton Santos pode ser notada no início da década de 1980 como no clássico publicado por Ruy Moreira – *A Geografia serve para desvendar máscaras sociais* – no qual o autor ressaltou a importância da reprodução das relações de classe para uma reprodução da própria formação espacial.

Coloca-se, aqui, a questão das articulações das instâncias de uma formação econômico-social e desta com a formação espacial em termos de totalidade. Dependendo da posição em que os homens se coloquem face aos meios de produção, as relações de produção serão relações sociais entre iguais ou entre proprietários e não proprietários, surgindo, neste segundo caso, uma estrutura social de classes sociais que comandará o processo global da formação econômico-social. Assim, numa formação econômico-social desse tipo, toda vez que no processo de reprodução se reproduzirem as relações de produção, estará na verdade com a reprodução destas se reproduzindo a estrutura de classes. (MOREIRA, 1982, p. 47).

Desde que foi publicado o artigo de 1977 muito se escreveu sobre a utilização da categoria formação socioespacial de Milton Santos. Ao que conheço, foi Ruy Moreira quem primeiro fez uso da categoria formação socioespacial. No artigo citado anteriormente Ruy Moreira, ao propor reflexões sobre uma teoria do espaço faz referência a formação socioespacial, partindo das referências de Karl Marx sobre a formação econômica-social, da seguinte maneira:

Vimos que o processo formador do espaço geográfico é o mesmo da formação econômico social. Por isso, tem por estrutura e leis de movimentos a própria estrutura e leis de movimentos da formação econômico-social. Podemos, com isso, doravante designar o que até agora chamamos de organização do espaço por formação espacial, ou formação sócio-espacial, como propôs Milton Santos. Confundindo-se com a formação econômico-social, a formação espacial contém sua estrutura e nela está contida, numa relação dialética que nos permite, através do conhecimento da estrutura e movimentos da formação espacial, conhecer a estrutura e movimentos da formação econômico-social, e vice-versa. Fato de fundamental importância ao estudo da formação espacial e da destinação desse estudo ao conhecimento da formação econômica-social. (MOREIRA, 1982, p. 3).

Entendo que Ruy Moreira segue as proposições de Milton Santos com algumas particularidades que não chegam a desvirtuar a proposição inicial. O que o autor aludido na citação anterior propõe é que a formação socioespacial é um espaço produzido. Sendo que a produção do espaço pode ser confundida com a produção dos bens materiais necessários à sobrevivência dos homens e isso decorre do fato de que estes suprem suas necessidades convertendo a terra – na terminologia proposta por Karl Marx em *Os despossuídos* – em uma despensa privada. E esse fato permite com que Ruy Moreira também operacionalize a formação socioespacial ao indicar que o conhecimento desse processo é: “Chave da inserção da geografia e dos geógrafos no campo da teoria e prática da transformação social no sentido da resolução dos problemas mais candentes de nossa época, ao lado dos demais estudiosos sociais”. (MOREIRA, 1982, p. 3).

O autor segue seu texto e, assim como Milton Santos, apresenta a concreticidade e a totalidade como características principais que permitem a operacionalização do conceito formação econômico-social, para tanto, fundamenta seus argumentos em autores como – além de Karl Marx e Friedrich Engels – Pierre George, Henry Lefebvre e Marta Harneker¹³.

Posteriormente, em uma conferência proferida na Universidade de São Paulo (USP), em 1982 – publicada na revista da AGB Borrador nº1 –, Ana Fani Alessandri Carlos e Sandra Lencione apresentam divergências sobre a maneira como Milton Santos interpreta a formação econômica-social.

[...] gostaríamos de frisar que a “FES” não pode nunca ser nacional como escreveu Althusser, Polantzas, Harneker, e no caso da Geografia, Santos, Klein e Lipietz. Ao contrário, a “FES” é supra-nacional, é uma Lei Geral que permite constatar a repetição e a regularidade, e de generalizar os sistemas para se chegar a uma concepção geral, ao mesmo tempo que generaliza e descobre relações e Leis Gerais, pode colocar em evidência especificidades e locais. Assim a “FES” define o concreto como uma totalidade que se refere à história da sociedade, mas define um momento apenas da história da humanidade e nesse sentido, constitui uma totalidade em um momento dinâmico, um processo. (CARLOS; LENCIONE, 1982, p. 16, *sic*).

Nesse artigo as autoras aparentemente desconsideram alguns postulados do próprio Karl Marx sobre a formação econômica-social. Não identifico nos escritos marxianos algo que possa ser considerado, como as autoras sugerem, uma lei geral. Conforme demonstrei

¹³ Psicóloga, cientista política, escritora e ativista chilena conhecida como educadora popular seguidora de Louis Althusser e fez parte do governo socialista de Salvador Allende. Ver, por exemplo, Os conceitos fundamentais do materialismo histórico dialético.

na primeira parte desse ensaio, o conceito sempre foi pensado e aplicado para determinada forma de sociedade e é sabido, histórica e geograficamente, que foram, e ainda são, diversas as formas de organização social, ao menos no modo de produção capitalista e as desigualdades geradas por esse modelo de desenvolvimento, e isso dificulta compreender a formação econômica-social como generalizadora.

Desde os escritos de Karl Marx fica evidente a percepção de que a formação econômica-social, assim como a formação socioespacial, possui como unidade geográfica determinado Estado nacional, assim como escreveu Milton Santos em 1978. Sendo assim, fazer uso do poderio epistemológico da formação socioespacial pressupõe uma determinada proposta de análise de alguma realidade concreta nacional.

Armen Mamigonian escreveu em 1996 que o texto em que Milton Santos desenvolve a categoria formação socioespacial é: “[...] o mais importante texto teórico de Milton Santos [...] constitui o marco fundamental da renovação marxista da geografia humana atual” (MAMIGONIAN, 1996, p. 1). Em seu texto, Armen Mamigonian apresenta a possibilidade de estudar a formação econômica-social como modo de entender uma sociedade em sua totalidade, permitindo compreendê-la em suas especificidades de formação ou diferenciação com outras sociedades, portanto, reforçando a concepção de Milton Santos, e outros, de que espaço e sociedade se relacionam como produto e produtor. Os recortes históricos e geográficos, articulados entre si e a um contexto mais amplo possibilitam a revisão epistemológica, em especial na Geografia, para que as sociedades atuais sejam repensadas em suas novas formas de produção de capital bem como em suas crises e contradições.

No decorrer do desenvolvimento epistemológico da Geografia brasileira é novamente em Ruy Moreira que encontramos um exemplo mais atual da operacionalização da formação econômica-social conforme propôs Milton Santos. Em 2016 o geógrafo publica, *A Geografia do espaço-mundo: conflitos e superações no espaço do capital*. Nesse, o geógrafo retorna ao conceito de formação econômica-social e reitera o corte territorial do Estado como marco da formação socioespacial e a sua relação com as instâncias econômicas, políticas e culturais. Além disso, ressalta o papel das tensões na formação socioespacial a partir da centralização do Estado e das contradições da estrutura econômica da sociedade burguesa, sem esquecer, todavia, as tensões oriundas do avanço sobre formações socioespaciais extracapitalistas –

mantendo o seu referencial em Rosa Luxemburgo, expresso nos confrontos de espaço e contraespaço em face das tentativas de dissolução da vida comunitária (MOREIRA, 2016).

Outros autores trabalharam com a categoria formação socioespacial ou utilizaram a formulação miltoniana como base teórica para as suas pesquisas empíricas, contudo, considero o esforço que Milton Santos empreendeu em cooperação com Maria Laura Silveira para produzir uma obra de fôlego sobre o Brasil a referência mais sólida da operacionalização do conceito marxiano (SANTOS, SILVEIRA, 2005). De acordo com Machado (2016), Milton Santos e Maria Laura Silveira estabeleceram:

[...] um sistema teórico coerente e que dialoga com a constelação de conceitos marxistas dos modos de produção, das instâncias sociais e da oposição entre o nível das forças produtivas e as relações de produção, por meio da relação entre formação socioespacial e meio geográfico. Definido a partir da intensidade do fenômeno técnico, o meio geográfico permite uma periodização das continuidades e descontinuidades da formação socioespacial: meio natural, sucessivos meios técnicos e meio técnico-científico-informacional estabelecendo-se como “épocas progressivas” da formação socioespacial. A divisão do trabalho, expressa territorialmente, conduz à diferenciação espacial dos subsistemas do espaço nacional (SANTOS, 1982b) e conforma o arranjo espacial de forma concreta segundo a realidade urbano-regional. Por fim, a formação socioespacial não pode ignorar os circuitos espaciais de produção e os círculos de cooperação, como bem lembra Maria Laura Silveira (2014). (MACHADO, 2016, p. 93).

Os estudos sobre a categoria formação socioespacial – em conjunto com aqueles que a utilizam – fornecem bases sólidas à introdução, cada vez mais necessária, de estudos geográficos para além da construção de modelos interpretativos do País, ou seja, estudos analíticos e críticos que se apropriem do sentido da dinâmica da formação socioespacial brasileira, como são os casos de Antônio Carlos Robert de Moraes, *Bases da formação territorial do Brasil. O território colonial brasileiro no “longo” Século XVI e Território e História no Brasil*, respectivamente de 1999 e 2000 e, novamente, Ruy Moreira, *Formação espacial brasileira: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da Geografia do Brasil*, de 2014.

Para demonstrar a atualidade da utilização da categoria proposta por Milton Santos, além dos autores aqui citados, organizei a tabela 1 abaixo representada. Utilizei como instrumento metodológico o banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em dois períodos distintos, anteriormente e posteriormente a criação da Plataforma Sucupira, esse recurso metodológico permitiu identificar 15 teses que

fazem uso da categoria proposta por Milton Santos em um período de dez anos (2008 – 2018) em todo território nacional¹⁴.

Tabela 1: Teses que abordam a categoria formação socioespacial entre 2008 e 2018

Autor	Ano	Título	Universidade	Departamento
Jones Muradás	2008	A geopolítica e a formação territorial do Sul do Brasil	UFRGS	Geografia
Charles Antunes França	2008	A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) - origens, idéias e transformações: notas de uma história.	UFF	Geografia
Jorge Chiapetti	2009	O uso corporativo do território brasileiro e o processo de formação de um espaço derivado: transformações e permanências na região cacauzeira da Bahia.	UNESP Rio Claro	Geografia
Madianita Nunes da Silva	2010	A dinâmica da produção dos espaços informais de moradia e o processo de metropolização em Curitiba.	UFPR	Geografia
Flavia Crishitna Andrade Grimm	2011	Trajectoria epistemológica de Milton Santos: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis.	USP	Geografia
Zeno Soares Crocetti	2012	Formação socioespacial do Paraná.	UFSC	Geografia
Breno Viotto Pedrosa	2013	Entre as ruínas do muro: a história da geografia crítica sob a ótica da ideia de estrutura.	USP	Geografia
Danton Leonel de Camargo Bini	2014	Da formação socioespacial a diferenciação dos circuitos espaciais agropecuários da região de Araçatuba-SP.	USP	Geografia
Jailson de Macedo Souza	2015	Enredos da dinâmica urbano – regional sulmaranhense: reflexões a partir da	UFU	Geografia

¹⁴ Fazendo uso das ferramentas de refinamento de resultados encontrei 250 teses que fazem uso da categoria formação socioespacial, seja no título, resumo ou palavras chave. As que constam na tabela são aquelas que considerei mais próximas do escopo desse ensaio. Não foi intenção desse autor desmerecer nenhum outro trabalho, apenas, pelas limitações de número de páginas, tive que selecionar algumas.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 48-76, mês Nov. Ano 2019.

		centralidade econômica de Açailândia, Balsas e Imperatriz.			
Zaqueu Bobato	Luiz	2017	A fumicultura como parte integrante da formação socioespacial sul-brasileira: (des) caminhos e perspectivas futuras para os produtores e a região.	UFPR	Geografia
André Lima Souza		2018	Fortaleza metrópole distópica: formação socioespacial, conflitos territoriais e a produção do espaço transitório no Século XXI.	UFG	Geografia
Pablo Bender	Martin	2018	A formação sócio-espacial da província de Santa-Fé (Argentina). Da época colonial às atuais dinâmicas produtivas.	UFSC	Geografia
Alexandre Tofeti	Rezende	2018	As transformações nos usos do território pelas Unidades de Conservação no Brasil	UNB	Geografia
Claudio Soares Pereira	Smalley	2018	A nova condição urbana: espaços comerciais e de consumo na reestruturação da cidade – Juazeiro do Norte/CE e Ribeirão Preto.	UNESP Presidente Prudente	Geografia
Ildo Rodrigues de Oliveira		2018	Formações socioespaciais e a indústria de calçados: a espacialidade das empresas de calçados esportivos no Brasil e na Argentina.	UFBA	Geografia

Organização: Guilherme Magon Whitacker, 2019

Fonte: CAPES. Banco de teses, 2019

Cabe ressaltar que, das teses aqui apresentadas, algumas não chegam a contextualizar a categoria formulada por Milton Santos, fazendo apenas uso da mesma como forma de atingir seus objetivos, ou seja, como recurso metodológico. Minha opinião é que isso ocasiona o reducionismo do debate geográfico sobre a mesma, pois, como procurei demonstrar, sua utilização como categoria analítica não é um debate encerrado na Geografia.

Considerações

Foi vivenciando o debate sobre geografia e marxismo na década de 1970, durante seu período de exílio, que Milton Santos apresentou à comunidade de geográfica internacional sua interpretação sobre a dialética espacial por meio da categoria formação socioespacial e, considero, que foi dessa maneira que o geógrafo se aproximou ao marxismo. Ao operacionalizar o conceito formação econômica-social como teoria e método geográfico suas idéias permitiram a integração sofisticada do marxismo com teorias geográficas. Assim, foi estabelecida uma base epistêmica que possibilitou avanços na Geografia crítica a partir da década de 1970 tendo como nexos entre a Geografia miltoniana e o marxismo a capacidade de operacionalização por ele proposta.

Nesse ensaio, apesar de lacunas e de um certo sentido didático – de aproximar o leitor dessa importante categoria analítica – pude identificar avanços significativos a partir da construção teórica centrada na formação socioespacial. A operacionalização dessa categoria promove a integração do tempo e do espaço pela dinâmica, assim, aproximando a mesma da teorização sobre o espaço geográfico Milton Santos conseguiu, com sucesso, inserir na Geografia o debate marxista a partir da narrativa explícita que conferiu ao conceito formação econômica-social uma base espacial de maneira dialética. A formação socioespacial permite pensar o materialismo histórico e dialético também como geográfico.

Decorre daí a importância da conexão entre a categoria formação socioespacial e os conceitos modo de produção e espaço. O modo de produção percebido na empiricização do tempo por meio das formas espaciais – as rugosidades – permite identificar a condição desigual na produção do espaço. Portanto, os modos de produção passam a ter materialidade geográfica a partir do, e no, espaço definido a partir dos arranjos técnicos que individualizam distintas épocas não por o que se produz, mas sim como se produz. As sucessivas formações socioespaciais, derivadas dos modos de produção, indicam distintas formações socioespaciais, portanto, são as transições de um período a outro, atreladas a descontinuidades, que modificam o conteúdo da formação socioespacial.

Outro enfoque que pode ser observado na formação socioespacial é de cunho metodológico, já que – como propôs Milton Santos – como teoria das mediações a mesma permite a produção de periodizações da formação de determinados territórios e, ao ser

entendida como totalidade, permite também a compreensão do território como condição e produto da atividade social como demonstraram, por exemplo, Prado Júnior (1970, 2011), Moares (1999, 2000) e outros. Além do mais, o estudo das partes e do todo da totalidade é fundamento imprescindível à compreensão da modernização seletiva.

Por fim, considero ainda que a operacionalização geográfica de Milton Santos pode ser situada na tradição marxista de interpretação de determinada materialidade. Nesse aspecto, a categoria formação socioespacial é fundamental e, se sua operacionalização não foi esgotada na obra de Milton Santos e outros geógrafos, ostenta ainda múltiplas possibilidades analíticas a serem exploradas. Abre-se, assim, uma agenda de pesquisa para que futuras investigações relativas a formação socioespacial afirmem, ou não, a mesma como teoria, método ou, ainda, uma técnica metodológica, dado seu entendimento como categoria analítica.

Referências bibliográficas

AB´ SABER, Aziz. **Vinte e cinco anos de Geografia em São Paulo (1934-59)**. Boletim Paulista de Geografia nº 34. Associação dos Geógrafos Brasileiros: São Paulo, 1960.

AMIN, Samir. **O desenvolvimento desigual: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico**. Rio de Janeiro: Forense, 1976.

ANTUNES, Charles da França. **A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) - origens, idéias e transformações: notas de uma história**. Tese de doutorado em Geografia, departamento de Geografia, UFF. Rio de Janeiro, 2008

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS. **Teoria e método: Wittfogel**. Seleção de textos nº 20. São Paulo, 1992.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; LENCIONE, Sandra. **A categoria “formação econômica da sociedade” na análise geográfica**. Revista Borrador, nº1. Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo. 1982.

CONTEL, Fábio Betioli. **Milton Santos**. In: Secco, Lincoln; Pericás, Luiz Bernardo. *Intérpretes do Brasil*. São Paulo: Boitempo. 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: um conceito chave da Geografia**. In: CASTRO, Iná E. et al. (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 48-76, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** São Paulo: Boitempo, 2015.

GRIMM, Flávia. **Trajetórias epistemológicas: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis.** Tese de doutorado em Geografia, Departamento de Geografia. FFLCH-USP. São Paulo, 2011.

HARRIS, Laurence. Verbetes. **Forças produtivas e relações de produção.** In: BOTOMORE, Tom. Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

HEIDEMANN, Heinz Dieter. **Geopolítica, materialismo geográfico e marxismo: a crítica de Karl August Wittfogel.** Anais do XIII Encontro Nacional de Geógrafos. Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo, 1990.

HOBBSAWM, Eric. **Introdução.** In: MARX, Karl. Formações econômicas pré-capitalistas. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.

JOHNSTON, Adrian. **Juntando os pedaços de Lênin. Hegelianismo e materialismo dialético - uma digressão histórica.** Crise e crítica. Outubro de 2017. Disponível em: http://criseecritica.org/wp-content/uploads/2017/12/Revista-Crise-e-Cr%C3%ADtica-Completa-v1_n1-REV-A.pdf. Acesso em 18/05/2019.

LENIN, Vladimir. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia.** São Paulo, Abril Cultural, 1982.

LENIN, Vladimir. **Quem são os amigos do povo e como lutam contra os social-democratas.** In: LENIN, Vladimir. Obras completas t. 1. Moscou: Progreso, 1981.

MACHADO, Thiago Adriano. **Da formação social em Marx à formação socioespacial em Milton Santos: uma categoria para interpretar o Brasil?** Revista *GEOgraphia* - Ano. 18, Nº 38. 2016

MAMIGONIAN, Armen. **A Geografia e “a formação social” como teoria e método.** In: SOUZA, Maria Adélia. O mundo do cidadão, um cidadão do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARX, Karl. **Os despossuídos.** São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia.** São Paulo: Boitempo, 2016.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro 1. O processo de produção do capital.** São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **18 brumário de Luis Bonaparte.** São Paulo: Boitempo, 2011a.

MARX, Karl. **Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857 – 1858: esboços da crítica da economia política.** São Paulo: Boitempo, 2011b.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **A Vera Zasulitchi: primeiro rascunho fevereiro-março de 1881.** Disponível em: <https://lahaine.org/amauta/b2-img/marxzasulichcartas.pdf>. Acesso em 12/05/2019.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista.** São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes, Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas.** São Paulo: Boitempo, 2012.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Bases da formação territorial do Brasil. O território colonial brasileiro no “longo” Século XVI.** São Paulo: Hucitec, 1999.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Território e História no Brasil.** São Paulo: Annablume, 2000.

MOREIRA, Ruy. **A Geografia do espaço-mundo: conflitos e superações no espaço do capital.** Rio de Janeiro: Consequência, 2016.

MOREIRA, Ruy. **A formação espacial brasileira: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da Geografia do Brasil.** Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

MOREIRA, Ruy. **A Geografia serve para desvendar mascararas sociais.** In: MOREIRA, Ruy (Org.). *Geografia: teoria e crítica. O saber posto em questão.* Petrópolis: Vozes, 1982.

MORGAN, Lewis. **A Sociedade Primitiva.** Lisboa: Presença, 1973.

PEDROSA, Breno Viotto. **O périplo do exílio de Milton Santos e a formação de sua rede de cooperação.** História, ciência, saúde-Manguinhos. 2018, vol.25, nº 2, 429 – 448. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459702018000200429&script=sci_arttext. Acesso em 23/04/2019.

PEDROSA, Breno Viotto. **Karl August Wittfogel: um geógrafo comunista na escola de Frankfurt.** Terra Brasilis. Revista brasileira de história da geografia e geografia histórica. Nº 5, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/1441>. Acesso em 08/06/2019.

PEDROSA, Breno Viotto. **Entre as ruínas do muro: a história da geografia crítica sob a ótica da ideia de estrutura.** Tese de doutorado em Geografia, FFLCH-USP. São Paulo, 2013.

PEET, Richard. Materialism, social formation and socio-spatial relations: an essay in Marxist Geography. *Cahiers de géographie du Québec.* 1978. 22 (56). 147 – 157. Disponível em:

<https://www.erudit.org/en/journals/cgq/1978-v22-n56-cgq2629/021390ar.pdf>. Acesso em 14/05/2019.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo. Colônia.** São Paulo: Companhia das letras, 2011.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1970.

REIS, Luis Carlos Tosta dos. **Por uma concepção dialética do espaço: o conceito de formação espacial em Milton Santos.** GEOGRAFARES, Vitória, v. 1, no 1, jun. 2000. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/geografares/article/viewFile/1164/876>. Acesso em 21/04/2019.

RIBEIRO, Darcy. **Etapas da evolução sociocultural.** São Paulo: Companhia das Letras, 1968.

SANTOS, Milton. **Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método.** In: Santos, Milton. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova. Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **Alguns problemas atuais da contribuição marxista à geografia brasileira.** In: SANTOS, Milton (Org.). Novos rumos da Geografia brasileira. São Paulo: Hucitec, 1981.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil. Território e sociedade no início do Século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

SERENI, Emílio. **De Marx a Lênin: a categoria de “formação econômica-social”.** Tradução de Nathan Belcavello de Oliveira. Revista Meridiano. Nº 2. 2013. Disponível em: <http://www.revistameridiano.org/n2/17>. Acesso em 28/05/2019.

TIBBLE, Jean. **Marx e os outros.** Revista Lua Nova. São Paulo, nº 91, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n91/n91a08.pdf>. Acesso em 19/06/2019.

Sobre o autor

Guilherme Magon Whitacker

Possui curso técnico em meio ambiente (SENAC), graduação em Direito pela Universidade do Oeste Paulista UNOESTE (2001), especialização em Direito Ambiental pela Universidade Federal de Pelotas - RS - UFPel (2003), mestrado (2012) e doutorado (2017) em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Presidente Prudente-SP. Atualmente realiza Pós-Doutorado no Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI) da UNESP-SP, desenvolvendo

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 48-76, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

pesquisa sobre a mineradora Vale S.A. em Moçambique. Possui experiência na área de docência em Direito Ambiental, Direito Agrário e Filosofia do Direito; Pensamento Geográfico, Geopolítica e Geografia Agrária. Atua principalmente nos seguintes temas: capitalismo, mineração questão agrária, desenvolvimento sustentável. Linha de pesquisa - Desenvolvimento Territorial; área de concentração, Geografia Agrária. Pesquisador vinculado aos seguintes grupos: NERA - Núcleo de estudos, pesquisas e projetos em reforma agrária (UNESP / FCT); Grupo de pesquisa Cátedra UNESCO de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial (UNESP / IPPRI); GIECRYAL - Grupo Interdisciplinário de Estudios Críticos y de América Latina (Universidad de Alicante - Departamento de Geografía Humana - Espanha).

Como citar esse artigo

WHITACKER, G. M. A Operacionalização do conceito formação econômica-social: O Nexo entre o Marxismo e a Geografia de Milton Santos. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 48-76, 2019.

Recebido em: 04/08/2019

Aceito em: 13/19/2019